

## A Estética do Horror<sup>1</sup>

Rodrigo SILVA<sup>2</sup>

Maria Carolina MONTEIRO<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, PE

### RESUMO

O presente artigo tem por finalidade discutir o belo na fotografia do horror e os efeitos estéticos e reflexivos que podem surgir. A estética do horror presente na fotografia, combinada com o choque da realidade provocado por acontecimentos da história recente da sociedade contemporânea - como as guerras, a fome e a miséria - despertam o interesse não apenas pelo registro da triste realidade social mas também como objeto de contemplação artística e consumo na chamada “sociedade do espetáculo”. Neste sentido, o horror é mais do que o registro de um fato real, mas transforma-se em beleza plástica através da fotografia que, no seu “instante decisivo”, transforma o que seria mais um recorte cruel da realidade em uma bela imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; estética; horror; belo; real.

### 1 INTRODUÇÃO

A história da fotografia é repleta de casos em que o impacto visual da realidade das vítimas de guerras, conflitos e desigualdade social causa enorme repercussão. Em 1993, o fotógrafo Kevin Carter venceu o prêmio *Pulitzer* com o registro de uma criança faminta e extremamente desnutrida no Sudão, na África. A criança se encontrava agachada no chão e, por trás dela, um abutre a espreitava como quem esperava apenas pela sua morte para transformá-la em alimento. Pouco antes, em 1991, Kenneth Jarecke registrou um soldado iraquiano carbonizado durante a campanha da Guerra do Golfo em uma imagem publicada sob protestos pelo primeiro plano de um cadáver que escancarava o horror da Guerra. Em 2015, o drama dos refugiados da Síria ganhou amplitude mundial e relevância depois da fotografia de Nilufer Demir com o registro de uma criança morta, afogada na praia de

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria PT 04, modalidade fotografia artística avulso.

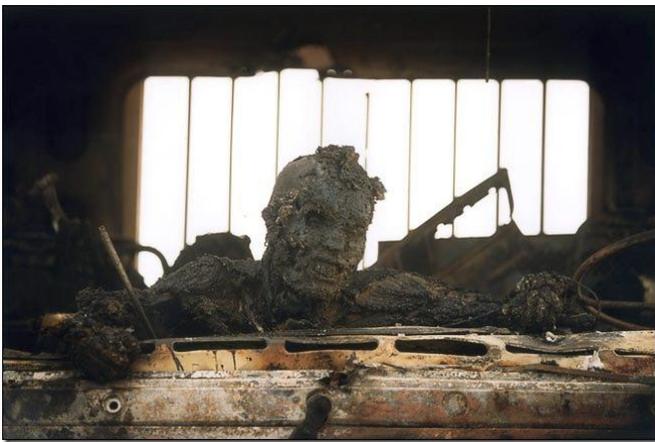
<sup>2</sup>Aluno líder. Graduado do Curso de fotografia, email: rodrigossilvafotografia@gmail.com.

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de fotografia, email: carolinamonteiro2001@gmail.com.

*Bodrum*, na Turquia, após o naufrágio de uma das centenas de embarcações que transportam em condições precárias imigrantes em fuga de um país destruído por conflitos internos.



*Figura 1 : sem titulo, Kevin Carter, retirada do site: <https://iconicphotos.wordpress.com/2009/08/12/vulture-stalking-a-child/>*



*Figura 2 : Soldado iraquiano carbonizado, Kenneth Jarecke, retirada do site: <http://kid-bentinho.blogspot.com.br/2013/08/rodovia-80-estrada-do-apocalipse.html>*



*Figura 3: Menino sírio afogado, Nilufer Demir, retirada do site: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/09/o-horror-em-um-retrato.html>*

Nas três imagens citadas, o espectador se depara com o horror sem subterfúgios mas, ao mesmo tempo que se choca com o que vê, não consegue escapar delas, debruçando-se sobre os detalhes da imagem como se buscasse nelas uma explicação ou um motivo para entender e expurgar a dor e o sofrimento. Por alguma razão, o horror fascina. Os programas policiais exibidos em todas as regiões do Brasil são um exemplo de como as pessoas são atraídas por esse tipo de imagem. Em Pernambuco esse tipo de notícia é prioridade no horário do almoço, alcançando um grande índice de audiência. No meio impresso, a Folha de Pernambuco teve na década de 90 a sua fase “mais sangrenta”, explorando imagens das vítimas da violência urbana em enquadramentos, planos e proximidade do objeto fotografado, incomuns para os meios de comunicação locais.

## **2 OBJETIVO**

Este trabalho tem como objetivo discutir a estética da fotografia de horror, revelando que o belo não consiste exatamente em seguir padrões e pré-estabelecidos e que a fotografia participa deste debate ao registrar com qualidade estética fatos sociais a priori desagradáveis ou repugnantes, ensejando inclusive questionamentos éticos e morais sobre os profissionais da área, como se a intenção do fotógrafo fosse se beneficiar do conteúdo de interesse público ou fazer parte de uma manipulação midiática, em uma espécie de zombaria da desgraça alheia através de um sensacionalismo desenfreado.

### 3 JUSTIFICATIVA

Na sua obra *Arte Poética*, o filósofo grego Aristóteles aprofunda o conceito de mimese, já delineado pelo seu mestre Platão, como parte das preocupações filosóficas a cerca da tentativa de representar a realidade. Para ambos, esta atividade estava ligada às artes e as reflexões destes dois grandes pensadores atenienses que forneceram as bases da estética ocidental durante muito tempo, acorrentando artistas a padrões formais estabelecidos.

No livro *A República*, Platão estabelece a existência de dois mundos, o mundo das ideias, onde tudo existe em sua essência, e o mundo sensível (aquele em que vivemos), criado como cópia imperfeita daquele. Para o filósofo, a arte está ligada ao mundo das ideias, devendo basear-se na essência das coisas, o que, segundo ele, não acontece. O artista acaba apenas realizando uma cópia (mimese) do que existe no mundo sensível e nada apreende da essência das coisas, constituindo-se mero imitador que realiza uma cópia imperfeita.

Discípulo de Platão, Aristóteles tem uma visão diferente da imitação. Para ele, mimese é imitação, mas não no sentido de reprodução servil da realidade, mas no sentido de “feitura” por parte do artista, de algo que está ligado à realidade e, de alguma forma, a reproduz.

Na filosofia aristotélica, o cerne da arte é a imitação da realidade pois a mimese é algo intrínseco ao ser humano, desde a infância, por meio da qual se adquire conhecimentos e se experimenta o prazer. Seu estudo neste campo não é uma crítica à imitação da realidade, nem abarca as questões existenciais da arte ou suas implicações, como em Platão.

Aristóteles também é o primeiro autor a incluir a arte do feio no campo estético. Ele percebeu o aspecto subjetivo da beleza, ou seja, o papel do contemplador no processo de apreensão da beleza. Em sua concepção, os homens se atraem não apenas pelo belo, mas também do feio. As coisas que parecem feias e repugnantes, quando são mediadas pela representação artística, tornam-se aprazíveis e até agradáveis, fazendo uma distinção entre a fealdade da coisa em si (a realidade retratada) e a arte (as regras artísticas).

“A prova é nos visivelmente fornecida pelos fatos: objetos reais que não conseguimos olhar sem custo, contemplamo-los com satisfação em suas representações mais exatas. Tal é, por exemplo, o caso dos mais repugnantes animais e dos cadáveres”. (ARISTÓTELES, 2001, p.4)

É possível incluir neste campo a fotografia do horror, cuja mediação entre o real e sua representação pode tornar eventos cruéis em objeto de contemplação. É o caso de imagens como a *Madonna Bentalha*, de Hocine Zaourar. Premiada com o *World Press Photo* em 1997, a imagem retrata a dor de uma mulher que perdeu os filhos em meio aos conflitos na Argélia na época dos movimentos fundamentalistas islâmicos. Uma representação da *Pietà* (obra de Michelângelo), sem os filhos nos braços sacrificados em nome da religião.

A imagem impactante denunciava o desespero e a situação em que o povo argelino se encontrava e obteve publicação em 750 jornais do mundo, entrando para a iconografia mundial através de índices artísticos revelados pela sua composição, contraste de luz e sombra, expressão e textura. Neste contexto, a estética do horror dialoga com o espectador de forma explícita, provocando apreço por tais fotografias, especialmente em uma sociedade cuja produção incessante de imagens leva ainda à espetacularização, como alertou Guy Debord no livro *A sociedade do espetáculo*.

Como espetáculo, as regras artísticas podem estar presentes em fotografias que nos aterrorizam, perturbam e tornam-se inesquecíveis, destacando-se por conter elementos como métrica, simetria, harmonia, ou subverter todos esses elementos, construindo assim uma estética do horror, onde o feio torna-se belo e o horror tão belo que causa um choque social. Discussão antiga na história da arte que, com o advento da fotografia, ganha proporções maiores principalmente por causa da dicotomia fotográfica entre representação e realidade.

Boris Kossoy destrincha este questionamento no livro *Realidades e ficções na trama fotográfica*, desenvolvendo, portanto, os conceitos de primeira e segunda realidade. Para ele, a primeira realidade está totalmente ligada ao fotógrafo e suas técnicas diante do tema no processo de criação, o passado e a realidade do assunto selecionado, além de sua história particular independentemente da representação. Na segunda realidade o que prevalece é a realidade do assunto na dimensão da imagem fotográfica que assume nova realidade dentro dos limites imagéticos e torna a fotografia um inacessível passado que se relaciona com o contexto do presente, pois aquele momento nunca mais será visto senão por uma representação fotográfica.

A fotografia faz um recorte da realidade e o instante real ali representado cria novas dimensões sobre contexto reproduzido. Olhar uma fotografia nunca será igual a vivenciar um momento fora do enquadramento proposto no registro da imagem. O conjunto de intencionalidades do fotógrafo afeiçoado ou não pela estética atingida pela imagem parece amenizar a brutalidade dos fatos, concedendo uma dimensão poética ao resultado de segundos vividos a fim de produzir uma maior experiência estética junto ao espectador tornando a fruição da obra a mais impactante possível.

O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado é outro profissional que nos convida a contemplar a estética do horror com o seu livro *Êxodo*, no qual retrata o sofrimento, a miséria e entre outras mazelas sociais que viram obras de arte sob o olhar de um dos grandes nomes da fotografia mundial. Como é possível haver beleza nisto? Por que essas fotografias parecem se eternizar em nossa mente? Bem-vindos às experiências estéticas que o horror propicia!

Fica evidente que a mediação artística da fotografia modifica a experiência do espectador com o fato real, não interessa o suporte de exibição. O fotógrafo enquanto artista carrega consigo um conjunto de intencionalidades que dão significação para a imagem produzida, refletindo nelas toda a bagagem cultural do *Operator* a fim de que o *Spectrum* (BARTHES, *A câmara clara*) por ele capturado transmita todo o seu conceito. A estética do horror objetiva-se pelo choque de realidade, além de tudo, sob a exorbitante beleza que ela possui.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O método utilizado foi a fotografia, obtida após um incêndio de grandes proporções que atingiu a Favela do Plástico, no bairro de Campo Grande, no Recife. Me encontrava diante de um cenário desolador onde presenciei pessoas tentando recuperar alguma coisa que poderia ter escapado do fogo. Nunca tinha presenciado algo tão impactante! Por um instante, achei que estava em um ambiente de guerra. Precisava mostrar aquela realidade de forma que pudesse impactar as pessoas e que cada olhar sob aquela fotografia pudesse transportar o espectador para a cena. O contexto era horrendo e a beleza da imagem objetiva refletir este horror.

A fotografia me permitiu transformar aquele momento em uma imagem que remete a uma paisagem lunar. Então, depois de alguns cliques e de conversar com moradores, procurei um local que me desse uma visão ampla da situação e percebi uma casa ao redor que tinha um primeiro andar. Então, fui até lá e, com permissão da moradora, fotografei. Usando a lente 35mm, esperei o momento em que a direção das pessoas que estavam na cena e seus olhares pudessem criar uma linha imaginária entre si, que direcionavam ao mesmo pensar. A coloração da roupa que elas usavam trazia o equilíbrio necessário que buscava para aquele quadro onde o tom das cinzas predominava. Precisava de nitidez em todas as áreas da imagem, então optei por um diafragma f/13, ISO 100 e velocidade 1/100. A tragédia era evidente, mas a “Reconstrução” foi escrita através da luz.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A fotografia foi realizada durante a cobertura fotojornalística do primeiro dia após o incêndio para compor a atividade de montagem de portfólio *online* para a disciplina de Mídias Digitais, oferecida pelo curso de Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). O objetivo era que essa imagem fosse utilizada como capa na *homepage* do *Site*. Por orientação da disciplina, a fotografia deveria ter elementos e conceitos técnicos que identificasse o autor numa só imagem capaz de transmitir um misto de técnicas e linguagem fotográfica condizente com a área de atuação do profissional, neste caso o fotojornalismo. Acredita-se, porém, ter obtido com este registro não apenas um registro fotojornalístico, mas uma interface com a fotografia artística pela composição estética alcançada.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A fotografia nos permite passear pelo universo das discussões desde a sua descoberta, com todas as polêmicas envolvendo a relação com a pintura na tarefa de representar a realidade e, posteriormente, como o cinema, até o período atual da massificação da imagem. Nesse universo fotográfico imenso, uma linguagem continua a debater questões antigas: o fotojornalismo, que caminha lado a lado com a estética do horror. Essa parceria de mais de um século nos dá a oportunidade de discutir a ética na fotografia, os conceitos de representação e realidade, as relações entre o choque do horror e sua beleza exorbitante e,

particularmente, a discussão que anima este artigo sobre como a representação artística pode transformar aspectos cruéis da realidade em objeto de contemplação e prazer estéticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALARD, Jean. *Beleza exorbitante*. São Paulo: Fap Unifesp, 2012.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê editorial 2000.

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. São Paulo: Nova fronteira, 2000.

GALARD, Jean. *Beleza exorbitante*. São Paulo: Fap Unifesp, 2012. Resenha de: GLAGLIANONE, I. *Reflexões sobre o abuso estético*. 2015. Disponível em: <http://obenedito.com.br/reflexoes-sobre-o-abuso-estetico/> acesso em : 27 Abr.2016.

LE MONDE, O complicado "Madonna" Hocine Zaourar, 2015, Disponível em: [http://www.lemonde.fr/culture/article/2005/10/06/photographie-l-encombrante-madone-d-hocine-zaourar\\_696439\\_3246.html](http://www.lemonde.fr/culture/article/2005/10/06/photographie-l-encombrante-madone-d-hocine-zaourar_696439_3246.html) acesso em: 03 mai.2016.

WORLD PRESS PHOTO, World Press Photo, Site Oficial, 2016, Disponível em: <http://www.worldpressphoto.org/> acesso em: 03 mai.2016.

SOTANG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das 2003. letras,

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. *O clube do bague-bague*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.